

O PODER DAS IDEIAS PARA TRANSFORMAR

Empreendedores sociais buscam soluções para problemas de saúde, habitação e educação, sem que a tecnologia seja o principal foco inovador

A nova fronteira da inovação está no desenvolvimento social. Mais especificamente nos programas sociais, baseados menos na tecnologia e mais nas ideias com foco na melhoria das condições de saúde, educação, habitação, inclusão e financeira da população menos favorecida economicamente. É dessa nova fronteira que estão surgindo empreendedores sociais, com iniciativas voltadas à solução de problemas naquelas áreas, financiadas por organizações ou empresas.

“O empreendedorismo social não é uma ideia nova, mas ela tem ocupado um espaço significativo e crescente dentro das chamadas tecnologias sociais”, diz Eduardo Marino, gerente de conhecimento aplicado da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, que há 50 anos atua na educação na primeira infância e conta com um fundo patrimonial para apoiar os projetos.

“No interior do Ceará, temos um trabalho com famílias da zona rural para que lidem com as questões do desenvolvimento das crianças, de sua segurança e com a prevenção de acidentes, tudo por meio de aplicativos”, conta. Outra solução voltada a regiões mais pobres, onde as famílias não têm smartphones, são mensagens de texto tradicionais para gestantes, que recebem informações sobre os cuidados nessa fase da mulher.

Há 36 anos, a Ashoka, organização mundial sem fins lucrativos cuja doutrina é ‘todos podem ser agentes da

transformação’, apoia empresas que nascem para resolver problemas sociais, pilotadas por empreendedores que desenvolvem ideias com impacto positivo relevante para comunidades.

“O grande diferencial da Ashoka em relação aos projetos de inovação tradicionais é que a decisão pelo investimento leva em conta não apenas o projeto, mas especialmente o empreendedor pessoa humana que está por trás dele, qual seu potencial para ser transformador”, conta Mirella Domenich, coordenadora na Ashoka Brasil. Se a criatividade pesa, diz ela, a ética, a postura de quem elaborou o projeto diante dos problemas sociais e a maneira como os enxerga, é fundamental para que seja aceito como um empreendedor Ashoka.

Essa política de atuação tem origem em sua fundação. Criada pelo americano Bill Daryton em 1980, na Índia, a palavra Ashoka tem a ver com ausência de sofrimento na língua sânscrita e também com o imperador indiano que dedicou sua vida ao bem-estar social.

O Brasil foi o segundo escritório da Ashoka, que conta hoje com 379 empreendedores com projetos aprovados nos 31 anos em que a organização está no país. No mundo são 3,4 mil empreendedores espalhados por 85 países. Há três anos, a organização criou o Grow2Impact, programa voltado à capacitação de líderes e gestores de organizações sociais para a construção de seus modelos



Priscila, da Artemisia: projetos com foco na baixa renda

de negócio social. A ideia é ajudar os que já têm um produto ou serviço estruturado, mas que precisam de apoio para formatar seu plano de negócio.

Um dos modelos inovadores de negócios sociais apresentados dentro do Grow2Impact edição de 2017 é o filtro ultravioleta da ONG Serta - Serviço de Tecnologia Alternativa, organização com sede em Pernambuco e foco na formação de jovens e educadores como transformadores das condições sociais no campo. Por meio de um mecanismo simples, de baixo custo e com consumo bastante reduzido de energia, o sistema, portátil, foi desenvolvido como solução à dificuldade que moradores do semiárido pernambucano têm de acesso à água potável.

Outro projeto na mesma linha social é o Mais Ilhéus, uma plataforma on-line que saiu do Instituto Nossa Ilhéus, voltado à educação para a cidadania, e que permite acesso aos serviços públicos ao mesmo tempo em que possibilita que a comunidade interaja para receber avaliação dos serviços prestados. O foco é a população com idade de 15 a 24 anos. Em três anos de existência, o Grow2Impact já capacitou 75 líderes e gestores, com a participação de 22 organizações de 11 Estados.

Os negócios desenhados para melhorar a vida das pessoas que receberam apoio da Artemisia, outra organização sem fins lucrativos, nos últimos seis anos, já somam 300 nas áreas de saúde, educação, habitação, entre outros. Nesse período, 100 negócios foram acelerados. Entre os que já passaram pela aceleração, 51% receberam investimentos em um total de pouco mais de R\$ 79 milhões. “Esses 100 negócios impactaram 30 milhões de pessoas com serviços e produtos, entre soluções de educação e saúde”, diz Priscila Martins, gerente de relacionamento institucional da Artemisia. Segundo ela, a procura de novos empreendedores pelo programa entre 2015 e 2016 cresceu 600%.

Para ter o apoio da Artemisia, é essencial que o foco seja a baixa renda. “Olhamos para necessidades básicas e, portanto, o modelo de negócio deve criar soluções para problemas críticos, estruturais e igualmente básicos, como saúde e educação, que beneficiem milhares de pessoas”, diz Priscila. “Também buscamos os empreendedores que enxergam na dificuldade uma oportunidade.”

Um dos projetos que foram acelerados pela Artemisia é o Livox, uma solução desenvolvida pelo pernambucano Carlos Pereira para ajudar os portadores de deficiência a se comunicarem e se alfabetizarem por meio de smartphones e tablets. O Livox nasceu da

DIVULGAÇÃO



Marino, da Fundação Souto Vidigal: apoio à educação na infância

necessidade de Pereira de se comunicar com a filha, hoje com 9 anos, que tem paralisia cerebral devido a problemas no parto.

O software Livox possui algoritmos inteligentes que se adaptam às necessidades do usuário e a diferentes tipos de deficiência. O aplicativo recebeu um investimento do Google, e seu criador foi convidado a se mudar para os Estados Unidos. O conteúdo do aplicativo está disponível em português, inglês, árabe, alemão e espanhol e tem como público-alvo escolas públicas. Agora, Pereira se debruça sobre uma tecnologia que permitirá que as pessoas com deficiência se comuniquem até dez vezes mais rápido.

Há três anos que os usuários do sistema público de saúde da cidade gaúcha de Pelotas conseguem saber, por meio de uma pesquisa no site da prefeitura, qual unidade do Sistema Único de Saúde (SUS) tem disponível o remédio de que precisa, evitando perda de tempo percorrendo várias unidades. Isso é possível graças a um aplicativo, o Clique Saúde, desenvolvido pela Comunitas, associação privada, sem fins lucrativos, classificada de Sociedade Civil de Interesse Público, por meio de seu parceiro Colab.

Pelo mesmo aplicativo, a população poderá acessar informações de todos os serviços de saúde oferecidos na região. “Nem sempre a administração pública consegue entregar todas as demandas da comunidade”, diz Regina Esteves, diretora-presidente da Comunitas. O aplicativo aproxima o usuário da administração pública e, mais do que isso, é uma forma de controle social”, diz Regina.

Voltada para a geração de novas oportunidades e melhoria da sociedade, a associação apoia projetos com interesse na educação, inclusão social, aumento de renda, saneamento básico, mobilidade. “Em tempos de crise fiscal, nosso desafio é trazer mais eficiência para o setor público”, diz Regina.

Em Teresina, no Piauí, a plataforma e-você foi implementada para melhorar o trânsito local por meio de uma pesquisa feita entre os moradores, que deveriam apontar soluções para acidentes no trânsito. “Começamos com o e-você em Campinas pensando em como poderíamos engajar a sociedade em torno de soluções que beneficiam a própria comunidade local”, diz Regina.

“Precisamos entender qual o problema, o desafio dentro da agenda social, e a partir daí é possível ter soluções simples, de baixo custo e efetivas”, diz a presidente da Comunitas. Outro propósito da plataforma é atrair os cidadãos para se comunicar com a administração pública.

Por meio da plataforma, ele poderá reclamar de uma lâmpada queimada, lixo na rua ou estacionamento irregular. Tudo pode ser denunciado. “Temos hoje um problema na administração pública que é a própria qualificação do servidor”, avalia.

Neste ano, a Comunitas lançou a Rede Juntos, plataforma digital para a troca de ideias entre gestores. A Rede Juntos reúne conteúdo especializado em gestão e foi criada com a proposta de diminuir a distância entre a população e a administração pública.

Com menos de dois anos no mercado, a incubadora abeLLha viu 13% dos 20 projetos que alavancou se tornarem empresas com impacto positivo na vida de milhares de brasileiros. Ana Júlia Ghirello, fundadora do abeLLha, diz que o objetivo é ter soluções para problemas que são recorrentes na sociedade, muitos simples. “Cada um de nós pode mudar algo de forma simples”, afirma Ana Júlia. Um exemplo é o Tem Açúcar, plataforma com uma base de 100 mil clientes, cuja proposta é o compartilhamento de coisas entre vizinhos. Vale de uma xícara de açúcar a um martelo ou qualquer outro item. O objetivo é o estímulo da solidariedade entre as pessoas.